Encontre-se consigo mesmo

Em Istambul

Texto e fotos – Luís Seco

www.fotoviajar.com

Prefácio

Istambul, cidade de sonho.

Ao chegarmos a Istambul somos envolvidos pelo encanto dos seus monumentos, dos passeios à beira-mar, das suas ruas e mercados exóticos, e sobretudo, pela sua população acolhedora, cheia de vida e alegria. Da melhor maneira possível, o Luís Seco revela-nos uma Istambul histórica, mágica, cosmopolita - um destino de férias único.

Istambul não merece ser descrita mas sim contada, como que se mergulhássemos na sua fascinante envolvência enquanto exploramos os seus recantos. Então, e como que contando uma história, este guia faz-nos descobrir a bela cidade que é a ponte entre a Europa e a Ásia.

Encontre-se a si mesmo em Istambul, viaje através deste interessante guia de viagem.

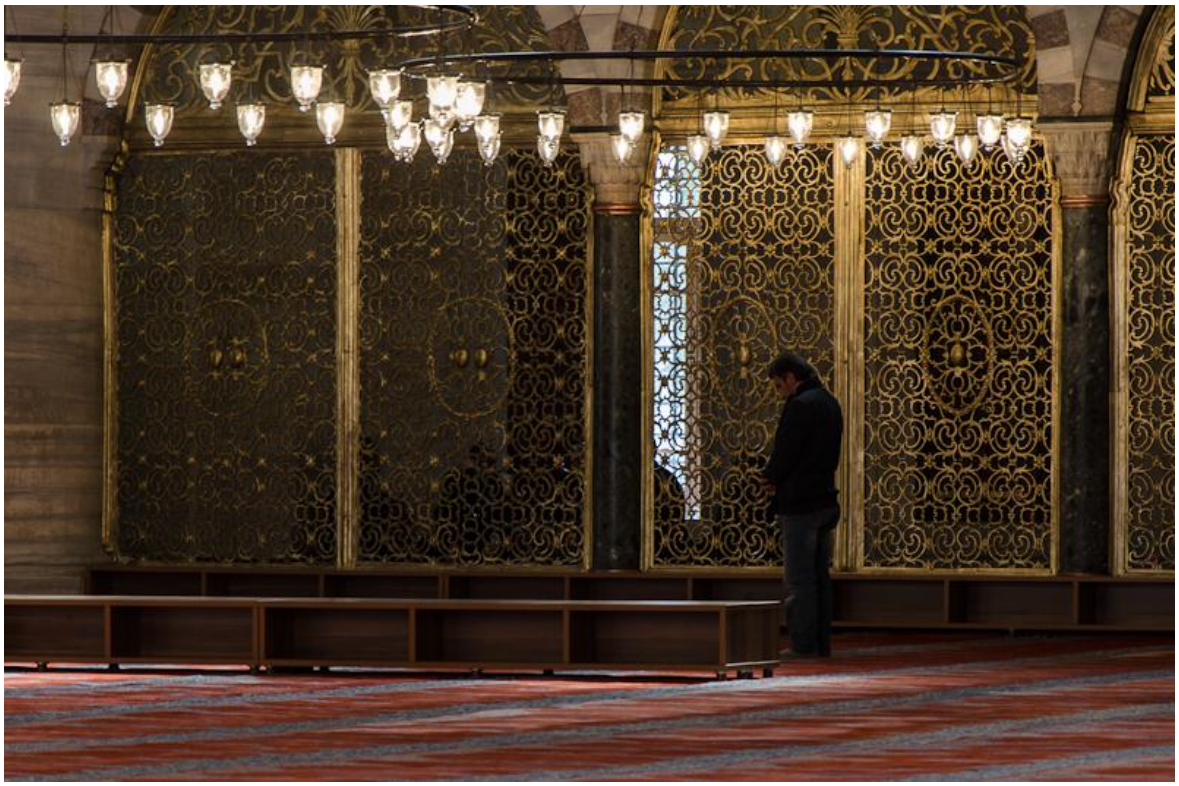
Istambul não é apenas uma cidade. Istambul é… Istambul. Abraça-nos e perfilha-nos como seus, convida-nos a crescer ao descobri-la, chamando-nos sem caminho definido por entre edificações erguidas para abalar outros orgulhos imperiais. Esqueça as pressas.

O lugar para ficar a dormir pode bem ser Sultanahmet, o coração e centro da cidade. Foi nesta zona que se iniciaram os registos históricos a partir de 667 a.C., altura em que Bizantio foi fundado pelo colono grego Byzas, no Pontão de Seraglio, onde hoje está o Palácio de Topkapi. Já em 324 d.C., o imperador Constantino construiu a sua Nova Roma, honrosamente apelidada Constantinopla pelo povo. Durante mais de 1000 anos foi capital do Império Romano do Oriente, até que, em 1453, foi arrasada pelos otomanos e reerguida com edifícios magnificentes para vincar, neste mundo e no outro, a autoridade dos conquistadores.

Em Sultanahmet, as ruas têm sempre gente que se cruza. Ou então que se senta nos bancos, parecendo querer ganhar agarrar a oportunidade para contemplar a

Mesquita Azul, que trepa pelo horizonte de telhados da cidade e se instala sobranceira sobre eles. Foi precisamente este o propósito do Sultão Ahmet I quando a encomendou ao arquiteto Mehmet Aga. Superar a Mesquita Süleymaniye (obra do mestre de Aga, Sinan) e a Haghia Sophia.

A Mesquita Azul, assim conhecida pelos azulejos Iznik azuis do seu interior, é das poucas do mundo a ter seis minaretes porque, segundo reza a lenda, o sultão pediu um minarete coberto de *altin* (ouro) e o arquiteto terá entendido *alti* (seis) minaretes. O resultado quase original deste pequeno desentendimento linguístico viria a agradar ao sultão mas também lhe traria dissabores, pois a sua mesquita igualava em número de minaretes a Grande Mesquita de Meca, a mais sagrada do Islão. Mais tarde, esta teria acrescentados mais minaretes, totalizando 10 por estes dias.



No interior da Mesquita Azul, devoções entram e saem indiferentes aos soberbos ornamentos e a quem as rodeia, turistas ou fiéis, para falar com Alá num momento íntimo mesmo no meio do tapete ou junto às colunas mais recatadas. Às mulheres ficam reservados os locais de oração na parte traseira da mesquita, por detrás dum rendilhado esculpido na madeira.

Já lá fora, as filas de bancos do Parque Sultão Ahmet fazem de ponte entre a Mesquita Azul e a Igreja da Sagrada Sabedoria, Haghia Sophia. Na rua, lado a lado, vendem-se castanhas, chá, sumo de romã e gelado turco. Como que fazendo a sua própria ponte entre o quente e o frio dos paladares locais.

A entrada na Haghia Sophia fica para outro dia, de manhã muito cedo, quando não houver filas imensas de invasores ocidentais.

A linha do elétrico convida a descer a rua até ao estuário do Corno de Ouro. Amanhã.

De manhã, Sultanahmet fervilha com passos mais ou menos aligeirados. O elétrico mergulha encosta abaixo, atravessa a Ponte Gálata e continua até Kabatas, onde os ferries esperam passageiros para as águas do Bósforo. O funicular subterrâneo conduz ao destino do dia, a Praça Taksim, agitado centro da "nova cidade" de Beyoğlu, antes conhecida como Pera, "o outro lado".

Aqui habitavam mercadores judeus no início da Era Bizantina. Já no final do século XIII, uma parte desta área, Gálata, foi oferecida aos mercadores genoveses em reconhecimento da ajuda no resgate da cidade aos Cruzados. Mais tarde, no período otomano, Beyoğlu viu chegar embaixadas e tornou-se o centro comercial de Istambul, que deixou a área do Grande Bazar. Por estes dias, este é o núcleo da Istambul europeia moderna.

Na Praça Taksim, o orgulho turco deixa-se agitar pelos ventos. Os dois elementos celestes da enorme bandeira vermelha, a lua e a estrela, simbolizam as crenças antigas do Tengriismo, uma religião turca antiga centrada na divindade que representa o céu.

Noutro lugar de destaque, uma estátua que rompeu tabus otomanos de representação da figura humana foi apelidada de Monumento da República. Engrandece os fundadores da Turquia Moderna, com destaque óbvio para Mustafa Kemal Atatürk. O seu apelido, Atatürk, "Pai dos Turcos", foi-lhe concedido em 1934 pelo parlamento e proibido para qualquer outra pessoa. Tamanha honra deveu-se à sua intervenção militar durante a Primeira Guerra Mundial, na subsequente Guerra Turca da Independência e, essencialmente, ao seu posterior papel político, abolindo o sultanato em 1922 e implementando a república, tornando-se o primeiro presidente da Turquia. Atatürk viria a ser responsável pela modernização e ocidentalização do país, pela introdução do alfabeto latino, do ensino obrigatório e dos direitos das mulheres.

Vai ser fácil encontrar a rua İstiklal, pedestre à exceção do nostálgico elétrico vermelho que desliza nos trilhos afastando transeuntes com sons de campainha. Esta Istambul de hoje é um requinte de lojas de todos os tipos. Livrarias, teatros, cinemas, bibliotecas, galerias de arte, restaurantes e cafés, bares e discotecas. Mas também nos transporta para a Istambul do passado com as suas influências turcas, gregas e ocidentais. Frequentada por intelectuais turcos e por estrangeiros europeus durante o período otomano, a rua İstiklal (então com o nome em francês, *Grande Rue de Pera*) era a principal responsável por Constantinopla ser chamada de "Paris do Oriente".

Praticamente lado a lado, mesquitas, sinagogas e igrejas católicas e ortodoxas comungam da mescla que é Istambul, por entre chocolatarias, pastelarias históricas e jardins públicos. Os tipos de lojas acham-se por zonas nas ruas laterais.

Ali nos esperam antiguidades, mercearias, kebabs, instrumentos musicais, tapetes,… Em quase todas estas lojas, um gato mandrião preguiça na montra.

Na İstiklal, vende-se a fortuna em pequenas bancas. Também se toca, canta. Fugindo um pouco pelas transversais, chega-se à improvável Rua Francesa (Fransız Sokağı), um estreito empedrado de degraus ladeados por cafés de charme que recriam a velha atmosfera francesa dos finais do século XIX, com antigos candeeiros de rua a carvão ou gás a condizer.

Acabada a rua, só há que levantar a cabeça por cima dos prédios para encontrar a Torre de Gálata. Construída como Torre de Cristo (Christea Turris, em Latim) pelos genoveses, em 1348, era o edifício mais alto da fortaleza que torneava a colónia da cidadela genovesa de Gálata.

Quase no cimo dos seus 67 metros, a vista panorâmica completa o feitiço que Istambul lança aos viajantes. Ao longo do dia, empurrados pela brisa do Bósforo, soam os *Adhans* dos muezzins chamando os fiéis para as orações. Os cânticos amplificados pelos metálicos altifalantes vêm de toda a parte. Há mais de 3.000 mesquitas em Istambul! Se tivesse que escolher uma única experiência transcendental nesta cidade, bastaria chegar na hora do *Adhan*.

Deitando a Torre de Gálata por detrás do ombro, rapidamente se chega à ponte com o mesmo nome. O pôr do sol deixa-a mais fotogénica e a lente percorre as águas, as cúpulas dos edifícios, os vendedores dos mercados e os pescadores que abastecem os restaurantes por baixo do tabuleiro, assim como os barcos históricos do lado sul. Nestes, dois homens equilibram-se com maestria enquanto grelham peixes que encorpam sandes juntamente com alface, cebola e sumo de limão. A cena é completa com algumas das muitas carroças que, por toda a cidade, vendem pickles, maçarocas de milho assado, castanhas, chá,…

Do outro lado da estrada, a Nova Mesquita convida à última oração do dia enquanto no Bazar Egípcio (ou das especiarias) os comerciantes se preparam para encerrar o dia. Este bazar, construído em 1660, é o melhor local para levar um pouco de Istambul para casa sob a forma de Delícias Turcas (*Lokum*), açafrão, pistáchios,

amêndoas, incenso ou café. Quem sabe até uns trajes para encenar uma dança do ventre?

EMİNÖNÜ
TURŞUCUSU

A Haghia Sophia já espera. Se de longe o tamanho já impressiona, passados os portões, as pedras vermelhas das paredes erguem-se às alturas e tornam-nos diminutos. As portas de tamanho a condizer pouco preparam os curiosos para o que é o interior. Esta é uma das maiores maravilhas da arquitetura mundial. A história do local é conturbada. O fogo destruiu, em 404, a primeira igreja aí levantada. A segunda sucumbiu durante a Revolta de Nika, em 532. Mas a terceira, a do Imperador Justino, concluída apenas 5 anos depois, riu-se de guerras e terramotos e chegou ao nosso século XXI. Mas só depois de ainda ter sido convertida em mesquita no século XV.

Em 1934, a Haghia Sophia renasceu museu. De pouco ou nada valem descrições. Mesmo no meio do edifício, levante a cabeça e rode sobre si mesmo. Explore de longe as galerias onde as mulheres rezavam, a nave, as colunas, a cúpula, os mosaicos, os vitrais e os medalhões gigantescos. Depois, aproxime-se e redescubra-os. Em fila, os visitantes reclamam do Pilar das Lamentações uma cura milagrosa em troca dum simples toque, imitando o Imperador Justiniano, que ali aliviou a sua cabeça dorida.

Subindo a rampa situada à esquerda do Portão Imperial vai chegar ao primeiro andar com dois propósitos primários. Observar mais de perto a cúpula (ainda agora

um milagre da engenharia) e remedir mentalmente todo o santuário com a escala das pessoas que circulam lá em baixo.

Ao chegar à rua, fora dos portões, virando à esquerda contorna-se o edifício passando pelo Mausoléu de Sultões, onde cuidados edifícios abrigam túmulos e sarcófagos. Caminhando no mesmo sentido, e passando pelo jardim, chega-se à Porta Imperial do Palácio Topkapi, erigido para residência principal do sultão Mehmet II logo após a conquista de Constantinopla, no século XV.

A disposição dos pavilhões, à roda de quatro pátios, representa um tributo aos acampamentos dos seus antepassados nómadas. Inicialmente também sede de governo, o Palácio Topkapi deixou de o ser no século XVI mas continuou a ser o palácio do sultão até Abdül Mecit I passar a ocupar o Palácio Dolmabahçe, em 1853.

Por entre jardins e pátios chega-se à sala do trono, ao guarda-roupa e sofá imperiais, às cozinhas, ao tesouro, ao Harém. Embelezar a descrição deste último com palavras torna-se anedótico perante os nomes das suas salas, incapazes de travar a nossa imaginação: Aposento dos Eunucos Negros, Pátio das Concubinas, Gaiola Dourada, Aposentos das Favoritas, Aposentos das Esposas, Caminho Dourado,…

Refreando a nossa idealização do deboche que seria a vida no Harém, parece que ele seria muito mais uma casa de família e escola para raparigas que, chegando entre os 5 e os 12 anos, precisavam de anos de educação esmerada até serem apresentadas ao sultão. Mas é claro que as prediletas viviam no mais absoluto luxo e recebiam fabulosos presentes. Às esposas, até quatro, cabia a teórica posição no topo da hierarquia no Harém. Contudo, na prática, o poder pertencia às prediletas e à mãe do próprio sultão, num ambiente onde a intriga não era estranha…

Fora dos portões do palácio, o Museu Arqueológico, cuja coleção se iniciou apenas quando o século XIX ia a meio, serve de abrigo a preciosidades de tempos remotos do Império Otomano, Babilónia, Síria, Egito, Grécia, Roma e Pérsia. Lá fora, os passos apressados pela inclinação conduzem a outra parte do Parque Gülhane,

outrora o jardim do Palácio Topkapi e, agora, o maior espaço aberto na parte velha de Istambul, onde as tulipas são imperatrizes.

Outra vez pelos carris do elétrico, mesmo perto das águas, a histórica Estação de Sirkeci relembra a glória passada do período em que foi a estação terminal do luxuoso Expresso do Oriente na Europa, vindo de Paris. Pise o mesmo chão dos eminentes passageiros do século XIX e imagine-se abordado pelos elegantemente uniformizados guias-intérpretes das grandes embaixadas europeias.

Até aqui, não falámos de iguarias turcas servidas em restaurantes "com teto", apenas aquelas que se comem na rua.

Esta noite como nas outras, nas transversais da Rua Divan Yolu, em Sultanahmet, bem-dispostos e aprumados "encantadores de turistas" convidam quem passa a provar pratos típicos turcos ricamente vestidos para o olho e para o palato. Não ofereça resistência. Renda-se em sítios como o Amedros, o Rumeli Café, o Faros,…

A seguir ao jantar, entre na porta quase ao lado, adie a regrada dieta para o regresso e escolha dos tabuleiros uma meia dúzia de Baklavas. A receita parece simples demais para ser verdade: frutos secos espalhados entre camadas duma massa extremamente fina chamada filo, pincelados com manteiga, passando pelo forno e

regados com xarope ou mel. Divinal nem sequer se aproxima do termo certo. As origens da Baklava são reclamadas por muitos grupos étnicos mas acredita-se que os Assírios terão sido os mestres pasteleiros por volta do século VIII a.C.. A forma atual desenvolveu-se nas cozinhas imperiais do Palácio Topkapi, durante o Império Otomano, e os turcos comuns puderam prová-las em pequenas pastelarias de Istambul no final do século XIX.

Com as Baklavas em pacífica turbulência no estômago, melhor será dar uns passos pelo Hipódromo, na hoje apelidada Praça Sultão Ahmet. Esta zona agora tranquila com vista sobre a Mesquita Azul, soberbamente iluminada, foi o palco das corridas de quadrigas do Bizâncio, com um estádio que recebia 100.000 espetadores. O Hipódromo foi construído no século III d.C. pelo Imperador Séptimus Severus e ampliado mais tarde por Constantino. Três monumentos chamam-nos o olhar: o Obelisco Egípcio (1500 a.C.) transportado desde Luxor; a Coluna Serpentina do Templo de Apolo em Delphi, Grécia (479 a.C.); e a Coluna de Constantino VII Porphyrogenitus (data desconhecida), cujo nome foi atribuído em homenagem ao imperador que a mandou restaurar, no século X.

Faltam já ao Hipódromo quatro enormes cavalos em bronze que foram mudando de morada ao sabor de conquistas e pilhagens. Esculpidos pelo grego Lísipo no século

IV a.C., seriam primeiro levados para Roma no século II, depois para o Hipódromo de Constantinopla no século IV, em 1204 voltariam para Itália saqueados pelos Cruzados e instalados na Praça de São Marcos (Veneza), onde estão hoje (não sem antes terem adornado o Arco do Triunfo do Carrossel após a primeira campanha de Napoleão Bonaparte na Itália).

Dia de curto cruzeiro em Istambul. O ferry leva e traz passageiros através do Bósforo, o estreito de 32 km que une o Mar de Marmara (a sul) com o Mar Negro (a norte). A espera junto ao Cais de Eminönü deixa ver o bulício dos preparativos para o almoço nos restaurantes por baixo da Ponte Gálata.

A escolha do tipo de cruzeiro faz-se à nossa medida, desde 25 minutos a um dia inteiro. Qualquer que seja o escolhido, estar no convés de um ferry tradicional de Istambul, o outrora coração do sistema de transportes da cidade, com um chá turco beijado pelos ventos, quentes ou frios, a molhar-nos os lábios, é algo que nos faz sentir menos turistas.

Tomamos o caminho longo. As paragens são curtas e, se quisermos ficar, teremos que voltar a Istambul de autocarro. A primeira vez que atracamos é perto do Palácio

Dolmabahçe, construído mesmo à beira da água em 1856. A fachada marítima de mármore não esconde, nem tenta, o que deverá ser o interior extravagante cujo custo quase levou o império à ruína. Este palácio é também o símbolo da magnificência e decadência do Império Otomano do século XIX. O sultão Abdül Mecit mandou-o construir à imagem europeia, na sua busca de reinventar o império. Para isso usou ouro e outros materiais nobres em muitos dos 285 quartos; nos 43 grandes salões; e no singular harém, casamento entre Ocidente e Oriente. O Grande Salão é alumiado com o maior lustre do mundo, uma estrela de cristal com 750 luzes e 4,5 toneladas, presente da rainha Vitória da Inglaterra. O tempo parou no Palácio Dolmabahçe, última morada do herói nacional. Todos os relógios marcam a hora da morte de Atatürk: 9.05h.

Subindo e descendo o Bósforo, somos acompanhados por golfinhos e gaivotas, cidades e vilas, embarcações e duas pontes. A mãe chama-se Ponte do Bósforo e contraria suspensa as águas que separam Europa e Ásia. A filha tem o nome Ponte Fatih Sultão Mehmet e, do lado ocidental, partilha a margem com a Fortaleza da Europa, um dos mais bonitos trabalhos de arquitetura militar do mundo, construída em 4 meses por Mehmet, O Conquistador, em 1452, antes de este tomar Istambul (então Constantinopla) ao Império Bizantino.

A última paragem do ferry é na vila piscatória de Anadolu Kavağı, onde as casas que dão para a água têm garagens para barcos. Antes mesmo de sair do ferry, já a sedução meio forçada dos funcionários dos restaurantes começa. Afinal, os restaurantes de peixe da cidade são o mais importante bastião da economia local a seguir à pesca. Ziguezagueando por entre angariadores de clientes, desafie a colina até ao Castelo de Yoros. Desde antes de Cristo que esta posição estratégica da estreita confluência do Bósforo com o Mar Negro tem sido disputada. Bizantinos, genoveses e otomanos perderam a vida por este castelo que, em esforço combinado com a fortificação do outro lado do estreito, em Rumeli Kavağı, travaram invasores. Houve mesmo uma gigantesca corrente que se puxava em cada margem, impedindo a passagem dos barcos. Nada há de coincidência então no ocupar de parte da colina, ainda nos nossos dias, por parte dos militares turcos.

No cume do monte, do Castelo de Yoros há pouco para ver para além das ruínas. Mas a vista, essa, paralisa. Os olhos perseguem cargueiros escoltados por rebocadores brancos e vermelhos. Como branca e vermelha é a bandeira turca, mais uma, dominante. “Esta colina é turca!”

De regresso lá a baixo, fazem-se honras ao peixe ou à pastelaria de Anadolu Kavağı antes do ferry recolher de novo os passageiros, 3 horas depois de os deixar. No

caminho para sul vão despontando pequenos palácios e moradias em madeira do século XIX. Istambul ressurge atrás duma curva e logo chegamos.

Em terra firme, numa qualquer rua ou praça, somos aliciados pelo colorido dos sabores e a quase pantomima dos vendedores de *Osmanli Macunu*, uma espécie de arco-íris de açúcar pegadiço enrolado num pau com preceito. O meloso chupa-chupa está pronto depois de regado com umas contrastantes pingas de limão.

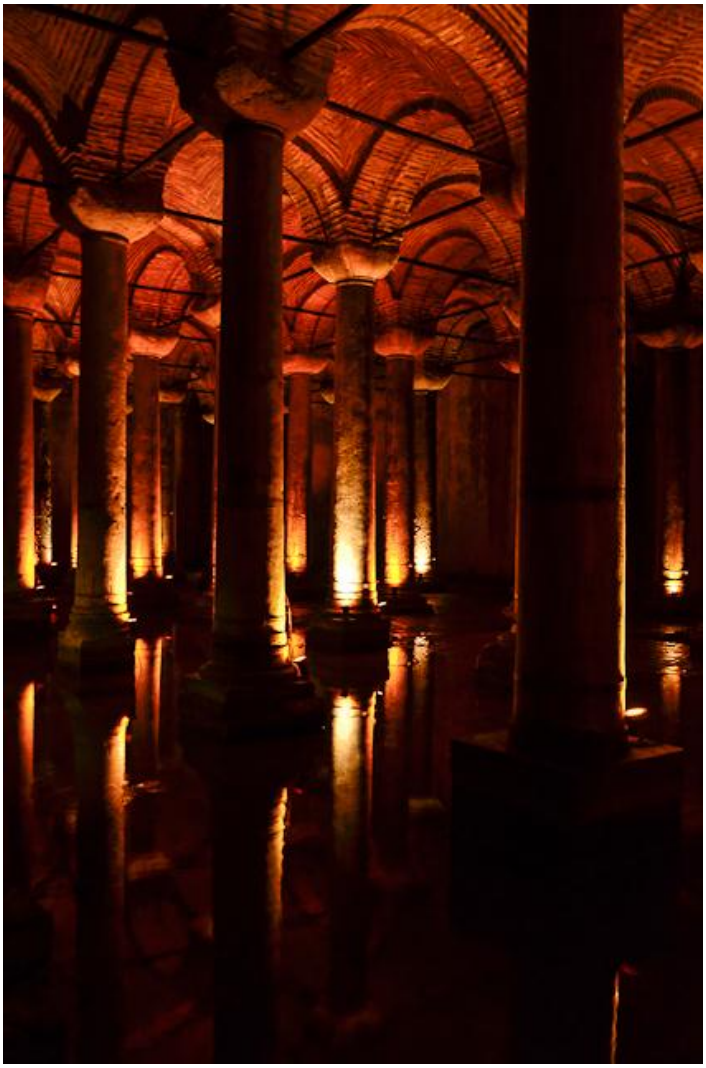
De boca doce, queremos deixar o corpo à mercê do vapor, sabão, esfoliação e massagem do mais belo hamam de Istambul. Pode-se quase afirmar que o Balneário/Spa Çemberlitaş Hamamı é "O" banho turco por excelência desde 1584 e tanto ama os que nele se banham como as sessões fotográficas do mundo da moda ávido por glamour.

Da entrada leva-se um *pestemal* (espécie de lenço para se cobrir um pouco) e uma *kese* (luva grossa para expurgar o corpo). Homens e mulheres tomam caminhos diferentes. A cúpula da Sala de Vapor (*Hararet*) é sustentada por 12 arcos que, por sua vez, se apoiam em colunas de mármore. O vapor é trespassado pela luz que espera, como nós, o funcionário que dá o "tratamento de limpeza" na grande laje de mármore do centro da sala. Limpeza ou massagem mais privada não são das

experiências mais confortáveis. Mas, acredite, quando acabarem vai agradecer à sua própria coragem.

Como tantos outros pequenos pormenores do quotidiano de Istambul, o banho turco, numa descendência óbvia dos banhos greco-romanos, é um costume ancestral islâmico unificador das duas dimensões do Homem. O *hamam* fortalece o espírito ao desintoxicar o corpo, a limpeza aproxima-nos da divindade. Esta noite, em Istambul, sentimo-nos em paz.

Foi das entranhas de Istambul que os povos acolhidos pela cidade, literalmente, beberam. O maior das centenas de reservatórios que sossegam debaixo da terra é a Cisterna da Basílica.

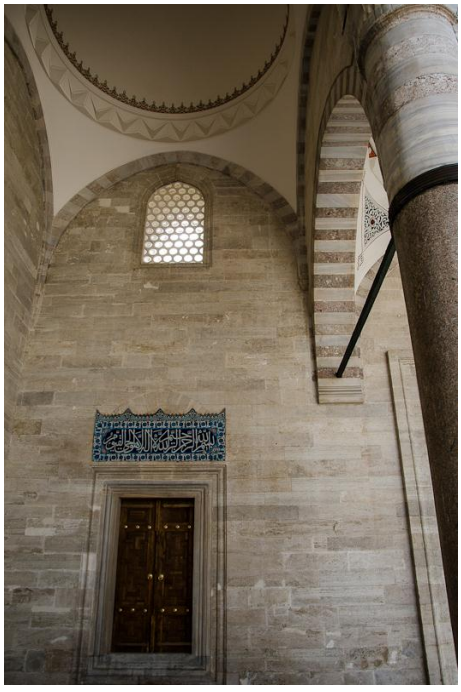


O seu tamanho não é desmedido mas impressiona: 9800 m^2, 80 milhões de litros de capacidade de armazenamento da água que permitiria esperar tranquilamente o fim dum grande cerco sem receio de envenenamento de nascentes. 336 pilares romanos com 8 metros de altura denunciam os tempos da sua construção, reconstrução e alargamento, primeiro por Constantino e finalmente por Justiniano, já em 532. Naquela época, o termo Basílica era atribuído a um edifício público romano, neste caso o centro comercial, legal e artístico sob o qual 7000 escravos escavaram e ergueram. Está assim explicado o nome Cisterna da Basílica. O outro nome, Palácio Submerso (*Yerebatan Sarayı*), surgiu do inesperado fim de fazer algo tão prático tão belo.

Desaparece a vizinha Haghia Sophia quando os degraus nos descem aos passadiços que escolhem corredores ladeados de colunas, luz e sombras num domínio âmbar/negro. Bem ao fundo da cisterna, duas cabeças de Medusa esculpidas servem de base a outras tantas colunas. Uma está de cabeça para baixo, a outra de lado. As razões destas orientações são apenas teorias, assim como a origem das medusas, possivelmente removidas de um edifício romano.

Numa curta viagem no apinhado elétrico ou de pé ligeiro chegamos à Praça Beyazit, um grande espaço aberto e dos principais pontos de encontro de Istambul. Construída no local do Fórum dos Touros greco-romano do imperador Teodósio, esta praça concentra a Mesquita Beyazit e o Museu da Caligrafia. Nas proximidades ficam as entradas do Bazar dos Livros e do Grande Bazar. Mas talvez o destaque maior seja a Universidade de Istambul, guardada por muros que no passado protegiam o Ministério da Guerra Otomano. O portão principal, de bandeira em punho, é, ele próprio, um monumento.

Rodeando a universidade pelo lado esquerdo vêem-se, acima de tudo, estudantes e faculdades nas ruas que levam à Mesquita Süleyman, a maior de Istambul e construída em 1550-57 pelo soberbo arquiteto Mimar Sinan, o mesmo que projetou mais de 300 grandes estruturas até à sua morte, aos 97 anos, incluindo o hamam Çemberlitaş. Sinan delineou o seu próprio mausoléu, morada para todo o sempre, na casa que habitou durante a construção da Mesquita Süleyman.



No enorme complexo, o madraçal (faculdades) fazia parte da Escola Religiosa Imperial. Hoje zela por 110.000 manuscritos fechados ao público. No Imaret alimentavam-se os trabalhadores, estudantes, professores e padres da mesquita mas também se seguiam os ensinamentos muçulmanos do Corão sobre caridade ao matar a fome a mais de 1000 pessoas menos afortunadas por dia. Quem viesse de longe dormia no caravansará e podia banhar-se no hamam, que ainda hoje está aberto ao público.

Nada há senão serenidade nesta mesquita. Nos jardins e pátio, fiéis e estudantes partilham a relva e os bancos. Ou então, junto aos muros dos jardins do terraço, espreitam a Istambul que passa ao longe desde o Corno de Ouro até à Torre Gálata. No interior há mais paz debaixo da cúpula azul, branca e dourada onde os vitrais filtram o sol. É nos lugares mais escuros e resguardados que se fazem rezas breves.

Como a do cortador de döner kebab (literalmente, espeto giratório) de um café do Beco dos Adictos, onde antes se vendia ópio e haxixe e hoje se fuma o narguilé, cachimbo de água, debaixo de guarda-sóis que, ainda assim, pouco cobrem a visão das torres e cúpulas da mesquita onde repousam Süleyman, O Magnífico, e sua mulher Roxelana.

Depois do divino, o prosaico. As gentes perto da Praça Beyazit encaminham-se para o Grande Bazar (Kapali Çarşı), uma espécie de extravagância opulenta do oriente, centro do comércio imperial otomano. Foi assim pensado pelo Sultão Mehmet II em 1461. Era, e ainda é, um dos maiores edifícios do mundo: 307.000 m^2 de 61 ruas cobertas. Terramotos e incêndios vergaram o Grande Bazar mas este não só sobreviveu como se tornou mais forte. Os seus 30.000 comerciantes recebem hoje, com vaidade, 400.000 clientes todos os dias. "Deus ama os comerciantes", lê-se na Porta Beyazit.

Ainda há zonas para diferentes tipos de transações mas épocas houve em que os nomes das ruas ditavam a especialidade. Terlikçiler (fabricantes de chinelos), Aynacilar (fabricantes de espelhos), Kazazcilar (fabricantes de fio de ceda), Yorgancilar (fabricantes de colchas),… Malas, loiças, candeeiros, perfumes, carpetes, roupa, calçado, joalharia. Esqueça as indicações de ruas. Vai-se perder e descobrir fontes, galerias, ateliers. Flua nas veias do Grande Bazar e negoceie entre chás-cortesia.

Deve haver mais um milhar de lugares obrigatórios para visitar em Istambul. Porém, ao contrário desta cidade, o tempo manda em nós. Tendo que escolher um último reduto do sublime, a Igreja de São Salvador de Chora colhe a nossa atenção

e puxa-nos para norte do Corno de Ouro, na zona de Fatih. A mando de Teodoro Metochites, a simples igreja deste local foi restaurada em 1315-1321 para alojar mais de cem realistas mosaicos e frescos representativos de cenas bíblicas, numa das maiores coleções do mundo da arte bizantina.

Ao ser convertida em mesquita em 1511, após a conquista da cidade pelos otomanos, a não veneração de imagens por parte do islão obrigou ao cobrir das obras de arte, esquecidas até à sua redescoberta, em 1860. O restauro iniciado em 1948 traz-nos cenas da Infância de Cristo, do Sacerdócio de Cristo, da Vida da Virgem, do Julgamento Final,… A Igreja de São Salvador de Chora cumpre assim o desejo de Teodoro Metochites em ser, ele próprio, pela sua obra, uma "gloriosa memória para a posteridade, até ao fim do mundo".

Desta vez, o lado asiático da cidade escapou às passadas. Não há tempo que chegue para nos impregnarmos de Istambul, dona das eras. Nem linhas suficientes para lhe fazer justiça. Na Istambul moderna, cidade de mais de 10 milhões de habitantes de onde romanos e otomanos governaram dos maiores impérios que o homem conheceu, consegue-se sentir a paz e harmonia num qualquer fim de tarde. Deite-se no centro do pátio da Mesquita Azul ou encoste-se numa das colunas laterais_e observe turistas e fiéis, todos serenos, bem como as gaivotas brancas iluminadas pela luz que nelas reflete a dos minaretes. Desfrute desse momento só seu e encontre-se com Deus, Alá, Buda. Não importa. Ou então encontre-se consigo mesmo. Em Istambul.

Viajar para Istambul
Ir e vir

Antes de sair de casa a sua viagem a Istambul já começou. Não é fácil fazer todos os preparativos de modo a poupar dinheiro para viver a experiência ao máximo enquanto estivermos na Turquia. Este espaço conta-lhe os aspetos práticos mais importantes da viagem. Os pormenores surgirão, a pouco e pouco, no Foto Viajar. **Vamos a Istambul!**

Voar

Depois de muito investigar, concluí que a forma mais barata e rápida para voar Lisboa-Istambul era através da prestigiada companhia aérea alemã Lufthansa, a maior da Europa. Não encontrei voos mais baratos em várias companhias *low cost*. Os serviços a bordo e a organização da Lufthansa foram excelentes. Voa para os aeroportos mais importantes para todo o mundo e nos melhores horários. Faz constantemente promoções de voos no seu site. No entanto, antes de reservar, compare preços com os de outras companhias.

Dormir

Queria dormir na zona de Sultanahmet, bem perto de grande parte dos locais emblemáticos de Istambul e uma base excecional de partida para onde quer que seja. Exatamente no sítio ideal, encontrei o **Hotel Sultanahmet**, situado na rua Divanyolu (*Divanyolu Caddesi*).

À porta deste hotel há pastelarias, restaurantes com comida deliciosa e uma paragem do elétrico que nos leva rapidamente ao outro lado de Istambul. A menos de 5 minutos a pé estão a Mesquita Azul, a Haghia Sophia, a Cisterna da Basílica. A 10, o Palácio Topkapi e o Museu Arqueológico. A 15, a Praça Beyazit, o Grande Bazar, Mesquita Süleymaniye e os Balneário/Spa Çemberlitaş.

O hotel é barato, modesto mas limpo e as pessoas são extremamente simpáticas e prestáveis. O pequeno-almoço é mais do que suficiente e adorei uns pequenos rolos de queijo feitos na hora. A vista do terraço é imbatível, sobre a animada rua e a Mesquita Azul. Uma outra vantagem deste hotel é que tratam dos *transfers* desde o Aeroporto Internacional Atatürk sem custos adicionais.

Fiz a reserva no Hotel Sultanahmet à última hora e já não tinha quarto disponível na noite anterior ao regresso a casa. Por isso, reservei também uma noite no **Hotel Sembol**. Este é um pouco mais caro e moderno mas, por isso mesmo, menos interessante. Mas não deixa de estar bem perto da Praça Beyazit. Ou seja, a localização também é muito boa.

Viajar Seguro

Desde que comecei a viajar de forma independente procurei um seguro de viagem que me desse tranquilidade em caso de algum problema ou emergência. Finalmente, descobri o site da **World Nomads**, recomendado por vários "gigantes" das viagens a nível mundial, com destaque para a Lonely Planet. O seguro é bastante barato e as várias modalidades cobrem bastantes imprevistos. Experimente. Eu nunca viajo sem seguro.

Guias de Viagem

Compro sempre um guia de viagem. A minha loja de eleição é sempre a **Fnac.pt** porque envia o guia sem que se tenha que pagar portes, caso tenhamos o Cartão Fnac. A oferta é variada mas eu prefiro as publicações da Lonely Planet e da American Express. Esta última tem quase sempre uma versão mais direta e rápida, um Top 10 das cidades.

Imprimir fotografias

Regresso sempre de viagem com milhares de fotografias para ver e editar. Adoro vê-las no monitor ou no tablet mas nada substitui o papel. Depois de escolher as melhores fotografias, vou ao site **Foto.com** para as imprimir individualmente ou criar álbuns. Não dispenso esta recordação das viagens. A qualidade e os preços deste site são excelentes.

Obrigado

O livro que acabou de ler aconteceu por paixão pelas viagens, fotografia e partilha de lugares. Estes sentimentos já estavam em mim mas foram e são, constantemente, renovados por algumas pessoas.

O texto e as fotografias revivem o prazer de descobrir mundos novos com a minha mulher Cláudia, a melhor companhia de viagens, sejam elas de sofá ou por estradas e ruas. A sua paciência para esperar pelo tempo certo do clique na máquina fotográfica ou para manter um diário do que vemos e experienciamos torna muitas recordações e relatos possíveis.

A minha filha Beatriz (três anos) tem-me levado noutras "viagens" indescritíveis. A sua curiosidade pelo que é novo inspira-me a conhecer mais e mais do nosso planeta. Para lhe ir apresentando o mundo pelos meus olhos até ao dia em que as visões serão as suas.

A "empurrar-me" para novos caminhos tem estado o João Leitão, que escreveu o prefácio, um dos maiores viajantes portugueses. As suas aventuras mais ou menos loucas por meio mundo inspiraram-me a conhecer, procurar, querer ver. Foi ele que me apresentou partes da minha vida que vieram para ficar: Kung Fu Flor de Lótus, sites, viagens, vegetarianismo. O seu site **João Leitão Viagens** foi o começo do meu despertar para o mundo da partilha na internet. João, o teu entusiasmo pela vida é contagioso.

Obrigado a todos os viajantes que têm lido os meus guias, roteiros e artigos do Foto Viajar desde 2008. Escrever e publicar fotografias das minhas viagens é um satisfação que não faria sentido sem leitores. Os vossos comentários nas páginas do site mostram-me que tenho contribuído para alimentar a vossa paixão que também é a minha e que a minha partilha vos tem ajudado a planear as vossas próprias viagens. É por isso que escrevo.

Encontrem-se convosco. Onde quer que seja.

Luís Seco – **www.fotoviajar.com**

Gostava de saber **a sua opinião sobre este livro**. Seria muito importante para mim que deixasse o seu comentário na seguinte página do Foto Viajar: **Livro Istambul**. Obrigado.

Sobre o Autor

O meu nome é Luís Seco. Durante a minha infância e adolescência não era hábito viajar. Agora, cada vez mais, espero sempre com ansiedade o dia de partir outra vez. Ir e voltar tornaram-se dois prazeres muitas vezes adiados por esta ou aquela razão.

A fotografia tornou-se uma companheira quase diária mas obrigatória em viagem. Capturo momentos com uma máquina digital compacta, uma reflex digital ou com o telemóvel. Tudo vale para trazer para casa "aquela" luz "naquele" lugar.

Partilho os meus momentos para o ajudar a criar os seus.

Foto Viajar

Luis Seco Foto

Guia de Viagem Malta

Facebook - Foto Viajar

Twitter - Foto Viajar

Direitos de Autor

O texto e as fotografias deste *ebook* são propriedade do respetivo autor. É permitida a impressão e partilha da obra.

Não é permitida a utilização de quaisquer conteúdos para fins comerciais sem autorização expressa do autor.

Email: **fotoviajar@gmail.com**

P.S. – Embora eu autorize a partilha deste *ebook*, peço aos leitores e viajantes que partilhem o link para o Foto Viajar (por email, Facebook, Twitter,…) e sugiram a sua subscrição. Desta forma poderei continuar a adicionar conteúdos no site e a escrever *ebooks* como o que acabou de ler. Muito obrigado.